



UMA ANGOLA MAIS DESENVOLVIDA

| Tema: [Artigos](#) | Autor: [Valdemar F. Ribeiro](#) |

Andaram tantos angolanos a lutar, a morrerem, antes e depois da independência, já lá vão quarenta e três anos de independência, famílias inteiras morreram, andamos a estudar tanto durante todos estes anos para termos o mesmo nível cultural dos países mais desenvolvidos, para sermos empresários competentes, experientes, cautelosos, pragmáticos, positivos, acreditando na nossa capacidade intelectual, neste século XXI, e agora andamos a estender as mãos a países como o Qatar, com dois milhões de habitantes, país que só tinha areia e petróleo, país que há cerca de cinquenta anos era um dos mais atrasados do planeta e nós agora andamos a esmolar um pouco dos investimentos dessas nações que até há bem pouco tempo estavam num patamar de desenvolvimento inferior ao nosso.

Que orgulho é este em que precisarmos de pedir ajuda quando potencialmente somos um dos privilegiados e poucos países com mais riquezas por explorar?

Não podemos justificar esta incapacidade de administrar bem Angola, dizendo que não temos recursos humanos suficientes e capazes.

Os seres humanos têm uma mesma origem comum, o Australopithecus, que por sinal é da nossa região.

Todos os seres humanos são exactamente iguais, nada os diferencia, a não ser alguns aspectos raciais superficiais, devido às especificidades ecológicas naturais mas mentalmente não há nenhuma diferença. O potencial mental é cem por cento igual.

O que se passa então, para estes anos todos de independência e até agora continuamos a patinar no desenvolvimento sustentado de Angola?

Agostinho Neto, saudoso ser humano, cometeu um grave erro, por diversas razões, quando em 1974 permitiu a fuga dos quadros que administravam Angola até aquela data e permitiu a fuga da maior parte dos empresários que aqui já desenvolviam um trabalho de relevo na economia que já nessa altura era destaque em África juntamente com a África do Sul e até estava num patamar importante comparativamente a Portugal continental.

Não vamos aqui aprofundar as razões dessa fuga cujos principais responsáveis foram as lideranças coloniais portuguesas e seu sistema político que também fugiram de suas responsabilidades mas os líderes angolanos da ocasião liderados por Agostinho Neto, não tiveram a força necessária da razão para dizer não à fuga dos quadros administrativos e dos empresários, sejam eles de origem angolana ou de origem portuguesa.

Se Agostinho Neto, em 1974, tivesse dito não à fuga dos quadros e empresários, tivesse dito não à entrada de aviões e navios nos portos e aeroportos angolanos que facilitaram e até incentivaram a fuga, se Agostinho Neto e seus liderados tivessem dito não, ninguém sai mas ninguém morre, o risco de vida era o principal motivo da fuga para muitos angolanos e portugueses que se consideravam angolanos, talvez Angola não tivesse desmontado administrativamente e economicamente. Essa foi a grande falha do início da independência.

Nelson Mandela, por iniciativa própria ou por ter compreendido esta falha em Angola, disse não à fuga dos quadros administrativos e empresariais sul-africanos, não foi fácil ter essa atitude e até correu riscos mas conseguiu evitar essa fuga e hoje a África do Sul tem conseguido manter-se num patamar de desenvolvimento elevado. Claro que tem suas dificuldades mas não desmontou nem desintegrou-se.

Quando por volta do ano 1940, começaram a surgir independentistas a exigirem Angola de volta aos seus donos verdadeiros, os autóctones, as lideranças coloniais gananciosas recusaram-se a entregar Angola e daí nasceram as guerras coloniais, infelizmente para todos.

Muitos pensadores lusófonos e outros, de todos os lados, antes de 1974, alertaram para a injustiça do domínio colonial e sugeriram a preparação cultural, política e económica das populações autóctones para assumirem a administração de seus territórios.

Se as lideranças coloniais fossem realmente inteligentes e tivessem uma visão de futuro, teriam escutado estas sugestões dos pensadores maiores e preparado os territórios coloniais para assumirem sua independência.

Se isso tivesse acontecido, não teria havido derramamento de sangue e as relações sociais, económicas e políticas hoje seriam muito mais harmoniosas, após as independências.

Hoje, a “CPLP” teria certamente um destaque maior não só a nível regional como a nível global pois teria sido um modelo de desenvolvimento no conturbado final da era colonial, não só em África como no leste europeu e na Europa em geral e na Ásia e América.

Não foi a falta de avisos dados pelos pensadores maiores mas sim a falta de uma visão menos egoísta, menos gananciosa e mais holística por parte dos responsáveis coloniais à época.

Mas tudo isto não pode continuar a justificar esta dificuldade grande e este patinar na lama, no desenvolvimento económico e social sustentado de Angola.

Eduardo dos Santos e seus responsáveis à época, quando assumiram a liderança de Angola, com suas guerras fratricidas e herdaram um país desmoralizado e sem quadros preparados, conseguiu até levar Angola a bom porto com competência e justificou-se sua liderança durante um tempo maior pois era necessário resolverem-se os aspectos militares, veio a paz, e as fronteiras geográficas e políticas puderam ser bem definidas.

Pode-se afirmar que as lideranças políticas e militares à época, fizeram a parte que lhes competia fazer e que era muito difícil pois haviam muitos interesses contraditórios internos e externos em todos os campos económicos e políticos.

Este não foi um tempo fácil.

Angola definiu-se militarmente e politicamente mas até agora não se define com competência nos aspectos económicos e sociais sustentáveis e já lá vão muitos anos.

Há quem diga que se passaram ainda poucos anos e que Angola não teve o tempo necessário para uma maturação.

É verdade sim que o tempo ajuda a maturar mas isto não justifica a nossa incapacidade de acelerar o processo de construção de uma economia mais equilibrada e de um desenvolvimento social, mais sustentáveis.

Não se justifica que após este tempo de formação dos quadros angolanos, no interior e no exterior do país, não haja uma responsabilização maior nas competências dessa administração pública e na administração privada.

O executivo angolano, com seu próprio exemplo e competência, deve ser mais rigoroso na exigência de uma administração pública mais eficaz e responsável.

O executivo angolano também deve ser mais rigoroso exigindo que os empresários privados sejam mais competentes na construção de suas empresas, obrigando estas a terem um padrão internacional e seguirem as regras modernas da nova economia global com foco no ambiente, no social e na qualidade económica, na excelência.

Não se justifica que neste início do século XXI continuemos à espera que os problemas de Angola sejam resolvidos de fora para dentro ou seja, sejam os investidores externos a resolverem os principais estrangulamentos de Angola na área económica.

Os investidores externos capazes de trazer um verdadeiro desenvolvimento económico sustentado, investimentos de médio e pequeno porte, só virão se a casa angolana estiver em ordem, não vale a pena ter ilusões, senão continuaremos a ser um país coitado.

Quem pode e deve resolver a situação económica de Angola são os empresários angolanos com o apoio das Instituições do Estado e do Executivo e deve ser uma acção urgente.

Não há outro caminho, temos de ser nós, angolanos, a resolver as dificuldades internas e pôr a casa em ordem.

Enquanto isso não acontecer, poucos empresários externos e até internos investirão em Angola e muitos empresários angolanos já desistiram e desistem de investir pois os riscos são elevados e o tempo passa, e apenas algumas poucas empresas multinacionais podem e poderão fazer investimentos com relativa segurança.

Ninguém vai arriscar seus capitais num país em desordem e aonde as regras económicas constantemente mudam e são indefinidas e dependem muito do bom ou mau humor dos responsáveis das Instituições estatais.

O Executivo e suas Instituições devem prestar mais atenção às empresas e empresários angolanos, devem identificar quais as empresas que são modelos de excelência de uma

economia sustentada, e a partir desses exemplos, orientar as outras empresas e seus empresários a construírem este mesmo padrão de desenvolvimento, um padrão de excelência, para que a economia angolana comece a crescer e evoluir.

Uma casa arruma-se de dentro para fora e só assim Angola poderá ter uma imagem no exterior mais organizada e então construir-se uma maior confiança externa.

Enquanto os empresários angolanos de excelência e mais competentes estiverem insatisfeitos com a economia angolana, certamente os empresários externos terão muita dificuldade e resistência em virem investir em Angola.

É esta a realidade.

Valdemar F. Ribeiro

Economista. Empresário Industrial e Ambientalista.